



A MULHER (Porto, 1879). O “primeiro periódico feminino de que se tem notícia surgiu em 1693 na Inglaterra. Foi o *Lady’s Mercury* [...] e o primeiro jornal das *sufrajetes* defendendo o voto da mulher: é o *La Citoyenne* (francês), criado em 1881 por Hubertine Auclert” – afirma *Dulcília Schroeder Buitoni*¹. Entre estas datas, imprescindíveis para o estudo da imprensa feminina, aparece o jornal intitulado *A Mulher*, do qual disponibilizamos agora o número um, formado por 5 cadernos (na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa o jornal está incluído numa miscelânea).²

Encontra-se classificado como **periódico feminino** por Maria Ivone Leal, o qual é o **45.º a ser editado em Portugal**. Em primeiro lugar dessa lista vem o *Correio das Modas* (Lisboa, 1807)³. A primeira página d’*A Mulher* anuncia a data (*ANNO I, NÚMERO 1 e 15 D’ABRIL*), os redatores (**Xavier de Carvalho** e **Xavier Pinheiro**) e o proprietário (**F. Maria Rodrigues**). Sempre referido como publicado na cidade do Porto, no ano de 1879, não refere nome da tipografia ou local de impressão no seu cabeçalho; apenas algumas colaborações se encontram datadas e localizadas.

Sobre a sua **periodicidade**, apenas encontramos duas indicações: uma “Declaração” na última página, a 40, assinada por “O Proprietário”, que anuncia conteúdos para o próximo número, e outra, numa entrada enciclopédica do redator Xavier de Carvalho: “Vivendo no Pôrto, ali fundou três diários de combate e agitação política: *O Norte Republicano*, *O Combate* e o *Estado do Norte*, assim como o semanário *A Mulher*.”⁴

A abrir, no artigo [editorial] não assinado, intitulado “A Mulher”, o jornal revela as suas influências “modernas” e **exalta o movimento europeu do Realismo** (1850-1880): “A nossa época é de renascimento, de reconstituição. Na filosofia debatem-se as belas deducções de *Kant* até as grandes theorias do positivismo de *A. Comte*, e do monismo de *Haeckel*, na arqueologia, na anthropologia, desviam-se para muito além as edades do homem, contam-se novas camadas geológicas, descobrem-se novas raças, pelos soberbos trabalhos de *Lyell*, *Lubbock*, de *Vogt*, de *Boucher des Pertes*; analisa-se a

¹ BUITONI, Dulcília Schoeder – *Imprensa Feminina*. São Paulo: Editora Ática SA, 1986, pp. 25; 31.

² *A Mulher*, encadernado em 3.ª posição, com os títulos: *A Renascença* (Porto, 1878); *Ribaltas e Gambiarras: revista semanal* (1880?); *Revista de Arte e Crítica* (Porto, 1878) e *O Académico; revista quinzenal litterária* (Porto, 1878). Col. Hemeroteca Municipal de Lisboa (Compra).

³ LEAL, Maria Ivone – “Lista de Periódicos Inventariados”. In *Um Século de Periódicos Femininos: arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926. Cadernos Condição Feminina*, n.º 35. Lisboa: Edição da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992, pp. 14, 16.

⁴ “CARVALHO (Xavier de)”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 6. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1978, p. 87.

descendência animal do homem pela filosofia zoológica de *Darwin*; na *physica*, na química, novas experiências maravilhosas; **na arte, desce-se do frio e estéril romantismo para as fontes de pura luz, jovens mas prometedoras, do realismo** [sublinhado nosso]; na biologia, na filologia, na economia política, que enormes clarões de vitalidade, que assombrosos estudos!” E mais à frente informa: “Michelet, o divino author de *La Femme* e *L’Amour*; Paulo Janet com *La Famille*; Legouvé: *Histoire morale des Femmes*; Pelletan: *La Mère*, e outros têm empregado todas as suas forças para a completa emancipação da mulher, e para a guiar no caminho do futuro e os seus esforços quasi que passaram despercebidos”.

Desses esforços e do “movimento de libertação social, surgem as primeiras correntes em defesa dos direitos da mulher que têm como uma das suas expressões o jornal *Emancipação da Mulher* (Porto, 1868), que supomos ter sido o primeiro desta natureza a vir a público entre nós” – escreve José Tengarrinha.⁵

CONTEXTO HISTÓRICO

O antecedente histórico que mais influenciou a **imprensa feminista** foi, sem dúvida, a criação do **Partido Republicano Português** (1872) e a eleição do seu Diretório em 3 de Abril de 1876 com a consequente abertura de Centros Republicanos. Também é de assinalar o aparecimento tímido, em 1875, do Partido Operário Socialista de teoria marxista. Segue-se uma grave crise económica com o consequente descrédito político, debatido no *Pacto da Granja* (1876), onde se funda o Partido Progressista, o qual, a partir de 1879 vai ser um dos intervenientes do fatídico rotativismo governamental que se iniciou no reinado de D. Luís I (1866-1880), o “popular”.

Encontrámos outras causas mais remotas, como o período de tranquilidade política depois do movimento da Regeneração (iniciado em 1851), o qual defendia a instrução para todos, de forma a diminuir o elevado analfabetismo. Durante esta acalmia social, desenvolve-se a chamada industrialização oitocentista, que traz a introdução do comboio, transporte este que vem encurtar distâncias, mas também, como referem Óscar Lopes e António Lopes Saraiva, “aproximar, nomeadamente, o ambiente literário das três principais cidades do País (Porto, Coimbra e Lisboa), unidas desde 64 pela Linha do Norte”, e estabelecer “um contacto mais frequente e fácil com os movimentos culturais europeus, através da Linha do Leste, desde 63”⁶ (Estação de Sta. Apolónia, Lisboa, inaugura em 1865). Para a história literária portuguesa ficaram estas palavras: “A literatura que, de além-Pirenéus vinha aos pacotes” (Antero de Quental), e “pelos Caminhos-de-Ferro que tinham aberto a Península” (Eça de Queiroz).

Apesar do escritor Eça de Queiroz não ser referido n’ *A Mulher*, é importante relembrar que a literatura portuguesa sofre duas polémicas que são autênticas

⁵ TENGARRINHA, José – “Desenvolvimento da imprensa operária”. In *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989, p. 241.

⁶ SARAIVA, António Lopes, e LOPES, Óscar – “O ROMANTISMO SOB A REGENERAÇÃO”. In *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Editora Limitada, 1975, p. 839.

confrontações de titãs: a *Questão Coimbrã* (1865) e a *Geração de 70*. E é assim que nasce o **Realismo português** – novo Género Literário, teorizado em 1871 por Eça de Queiroz na sua comunicação “O Realismo como nova expressão de Arte” nas *Conferências (democráticas) do Casino [Lisbonense]*. Sobre esta personalidade, escreve G. Videira Lopes: “também Eça não deixou de se bater publicamente pela educação das mulheres, dentro dos limites, diga-se, da preparação para o que pensa ser o seu papel social fundamental, ou seja, o de esposas, educadoras e mães”. E acrescenta que “a igualdade dos sexos não está, apesar de tudo, nos horizontes da masculina Geração de 70.”⁷

A industrialização causa um aumento gradual da população urbana das cidades de Lisboa e do Porto, por via da migração dos habitantes das zonas rurais em busca de melhoria salarial. Assim, no Porto, de 1864 a 1890, a população quase duplica, aumentando também a colónia estrangeira inglesa, ligada ao comércio do Vinho do Porto. Constitui-se um núcleo cultural europeu de características burguesas onde circulam os jovens escritores portugueses, recém-formados na Universidade de Coimbra, juntamente com os tão caricaturados *brasileiros* novos-ricos e ex-negreiros, aos quais se juntam os *barões*. E é nesta paz social que nasceu o jornal *A Mulher*, cem anos depois da conturbada Revolução Francesa de 1779, que instaurou a República em França.

PROGRAMA EDITORIAL

O editorial é o artigo inicial “A Mulher”. Ao repetir o nome do periódico, **o corpo redatorial deste periódico dá ênfase ao único objeto de que se compromete ocupar: a mulher**, ainda que sob um certo moralismo masculino, ao enfatizar que a mulher precisava de ser educada de outra forma, inferindo-se, portanto, que ela era incapaz de decidir *per si*. A abrir, denuncia a educação burguesa das mulheres como “incapaz de compreender o ideal moderno”. E a seguir, defende a *via appia* da educação como o seu *páthos*: “Cumprir educar a mulher, *Eduquer la femme c’est seconder sa transformation*, exclama Michelet; é ensinar-lhe o papel que lhe compete no seio da família. É preciso educar a mulher pela moral, pela economia, pela filosofia, pela Ciência, pela literatura, pela arte, pela crítica, por todos os ramos da atividade humana.” No parágrafo anterior, é citado um escritor português e, as suas palavras intemporais podiam ser escritas por uma mulher, ora leia-se: “Na nossa época de fria analyse, de implacável utilitarismo, a primeira das obrigações da mulher consiste em tornar-se útil. Ser útil é para ella o grande segredo de ser querida, de ser forte, de ser dominadora. Toda a educação feminina deve partir d’este princípio – diz R. Ortigão.” E quem é Ramalho Ortigão? Escritor e grande amigo de Eça de Queiroz.

No último quartel do século XIX, **o papel da mulher como educadora da primeira infância passa a ser sobrevalorizado**. É o capitalismo que chegou com as suas noções de rentabilidade e utilidade social do indivíduo face à sociedade, especialmente nos espaços urbanos, burgueses e endinheirados. De notar que, “na imprensa do século XIX a expressão *periódico feminino*

⁷ “(A) MULHER (E A LITERATURA DO SÉCULO XIX)”. In *Dicionário do Romantismo Literário Português*, [Helena Carvalhão Buescu, coord.]. Lisboa: Editorial Caminho, 1997, pp. 326-7.

queria dizer: jornal destinado por homens a público feminino e contendo matérias que esses homens entendiam ser as que interessavam ou deviam interessar às mulheres. A publicação denominada *Assembleia Literária* inaugura um novo tipo de periódico feminino.”⁸ Sobre ela, escreve E. Rodrigues: “a primeira publicação administrada e dirigida por uma mulher, D. Antónia Gertrudes Pusich”; *A Assembleia Literária: jornal de instrução* (Lisboa, 1849-1851). O ponto de vista transcorre para a justeza do subtítulo, e para variedades literárias, com desprezo do que era esperado: modas. O mesmo se dá com *A Beneficência: jornal dedicado à Associação Consoladora dos Aflitos* (Lisboa, 1852-1853) a que A. G. Pusich [também] presidia.”⁹

Mas voltemos ao final do artigo “A Mulher”, que termina assim: “O programa da *Mulher* está, pois, traçado: é altamente reformador: é um brado de indignação contra essa falsa educação de nossos dias. *A Mulher* é o órgão, entre nós, da renovação que lá fora se vae declarando d’um modo sympathico. Nas suas colunas encontrar-se-hão abundantes artigos de literatura, de moral, de hygiene, e de vários conhecimentos úteis, como monographias, viagens, crítica, com um ideal elevado como a Sciencia e sublime como a Justiça.”

Pelo exposto, consideramos que este jornal é mais do que um *periódico feminino*, é um dos primeiros periódicos portugueses da imprensa feminista.

ESTRUTURA GRÁFICA / COLABORAÇÃO

O número um, e caderno 1, desta publicação não ilustrada, são continuados por 4 cadernos, todos numerados no seu canto inferior direito, razão porque é referido como semanário. Cada um dos cadernos é composto por duas dobragens de uma folha de papel (perfazendo 8 páginas), em formato de quarto grande (32 cm), a duas colunas, com numeração progressiva, no canto superior direito, num total de 40 páginas. Sem anunciantes, nem referência a preço, assinaturas ou tiragem, pensamos que este jornal não conseguiu publicar mais cadernos/números. Uma curiosidade: para ler cada um dos cadernos depois de impresso, era necessário abrir as dobras com cuidado, para não rasgar a parte superior das folhas.

A estrutura gráfica do seu único cabeçalho é incipiente, mostrando o título em letra maiúscula de dimensão garrafal, onde apenas o Proprietário tem direito às letras capitais: P, F, M e R decoradas, superior e inferiormente, com um elemento repetido utilizado no tradicional “ferro forjado”. Segue-se a separação central, como um fim de capítulo, decorado em forma de fita de pano ondulado, ao gosto *rocaille*. Encontramos apenas mais um apontamento decorativo no título do editorial “A Mulher”, o qual apresenta cada letra de cor preta decorada com uma cercadura de bordado a cor cinzenta, formando uma composição

⁸ LEAL, Maria Ivone – “A ASSEMBLEIA LITERÁRIA: *Jornal de Instrução* (1849-1851)”. In *Um Século de Periódicos Femininos: arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*. Cadernos Condição Feminina n.º 35. Lisboa: Edição da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992, p. 56.

⁹ “REVISTAS FEMININAS”. In *Dicionário do Romantismo Literário Português*, [Helena Carvalhão Buescu, coord.]. Lisboa: Editorial Caminho, Lisboa, 1997, p. 470.

elegante de forma a cativar o olhar feminino para a leitura. Tudo isto na primeira página; as outras 39 não apresentam qualquer ornamento.

Além do proprietário e dos seus dois redatores, este jornal conta com mais 36 colaboradores. Deles, 30 contribuem com conteúdos literários, ou seja 81%, e destes apenas 7 não publicam poesia. **As colaboradoras são apenas 5** e, destas, apenas 3 publicam crónicas de crítica social, uma francesa e duas portuguesas: **Olivia Telles de Menezes, Andrea Neyrand e Maria Amália Vaz de Carvalho.** Os seus textos, os quais recomendamos para leitura atenta, focam os temas da educação, da instrução das mulheres e das primeiras noções sobre emancipação feminina, respetivamente com os títulos: “A MULHER EM TODAS AS EDADES”¹⁰, “EDUCATION ET INSTRUCTION DE LA FEMME: generalités”¹¹ e “SOTTO VOCE”¹², em 13 páginas, no universo de 40.

Destacamos a colaboração da escritora **Maria Amália Vaz de Carvalho**, com o título, explicado pela própria, *Sotto Voce* ou “a meia voz! uma conversação que não tem pretensões a fazer-se ouvir longe [...], tudo se pode dizer deste modo [...] fantasia à qual para ser inquieta basta ser feminina como é. [...] Resta agora saber o que eu venho dizer a meia voz aos leitores da *Mulher*. Aos leitores nada! Às leitoras tudo o que souber.” E continua: “ Os jornais em geral são feitos para os homens. [...] Ninguém cuida das necessidades intelectuais da mulher; a essa de quem o homem moderno tanto exige, bastam na opinião delle [...], as *gazetas de modas* [...] uma espécie de rebuçados litterarios que fabricam para uso das pobres de espirito os confeitores charlatães.”¹³ Só podemos classificar estas palavras como feministas e repletas de certa ironia. Maria Amélia Vaz de Carvalho é considerada a “pioneira da expansão cultural da Mulher.”¹⁴

Terminamos a falar sobre imprensa feminina e imprensa feminista. Quanto ao segmento de mercado, ou seja, se o público leitor que lê uma publicação é predominantemente feminino, estamos a falar de imprensa feminina, a qual pode ser especializada se tratar só de um assunto, como: família, moda, direitos da mulher ou emancipação feminina. Se focar a “emancipação feminina”, com intenção de sensibilizar o leitor em geral para este tema, como é o caso do jornal desta ficha histórica, então pensamos que é mais justo incluí-la na imprensa feminista.

M. Helena Roldão
Lisboa, 06 de Março de 2013

¹⁰ MENEZES, Olivia Telles de – “A Mulher em todas as Edades”. In *A Mulher*, nº 1 (15 Abril [1879]), pp. 4-5; 10.

¹¹ NEYRAND, Andrea – “Education et Instruction de la Femme: generalités”. In *Ibidem*, pp. 5-6; pp. 12-13; 20-2.

¹² CARVALHO, Maria Amália Vaz de – “Sotto Voce: I, II, III”. In *Ibidem*, pp. 9; 17; 25.

¹³ *Ibidem*, p. 9.

¹⁴ Segundo Alfredo Ribeiro dos Santos, “Maria Amália Vaz de Carvalho” (1847-1921) patrocinava serões literários na sua propriedade em Pinteus, perto de Lisboa, que herdou de seu pai, José Vaz de Carvalho. Casou em 1874 com o poeta António Candido Gonçalves Crespo, cuja mãe era uma mestiça e ex-escrava brasileira]. In *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, nota 12, p. 6.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

LEAL, Maria Ivone – *Um Século de Periódicos Femininos: arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*. Cadernos Condição Feminina nº 35. Lisboa: Edição da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992.

BUITONI, Dulcília Schoeder – *Imprensa Feminina*. São Paulo: Editora Ática SA, 1986.

BUESCU, Maria Helena (coord.) – *Dicionário do Romantismo Literário Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª Edição revista e aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos – *História Literária do Porto, através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009.